

ARTIGO DE OPINIÃO

## ESTÁGIO VISITA: CÂMARA DOS DEPUTADOS

POR:  
**Vítor  
Ishikawa**

4º Ano Matutino

“Breve testemunho de uma semana de atividades na Câmara dos Deputados: como participar e o que (possivelmente) encontrar por lá”

Entre 18 e 22 de novembro deste ano, participei do programa Estágio Visita, da Câmara dos Deputados. Por lá, minha experiência incluiu não só uma abordagem teórica e prática do processo legislativo brasileiro: o programa possibilitou contato direto com os deputados federais e a participação como ouvinte em comissões e em debates com colegas de todo o país sobre temas que a Câmara discutia naquele momento. Neste texto, gostaria de comentar um pouquinho sobre a minha semana e, dessa forma, de buscar que mais universitários, como eu, procurem pesquisar e participar do programa.

Para participar do Estágio Visita, exige-se a indicação de um Deputado Federal, que o inscreva para participar em algum dos meses em que as atividades acontecem. O Dep. Fed. Ênio Verri, a quem muito admiro como político e como pessoa, fez minha indicação. Em geral, vale enviar e-mails e telefonar para as assessorias dos deputados de interesse; alguns, aliás, aplicam provas para selecionar os indicados. Convém, portanto, investigar quais deputados defendem pautas que se harmonizam com suas próprias e verificar como funciona sua forma de indicação. Se tudo der certo, você está indicado, inscrito e viajará para Brasília!

Por lá, o programa garante sua hospedagem – os participantes ficam no alojamento do ENAP –, sua alimentação – café da manhã, almoço e jantar na Câmara dos Deputados – e seu transporte entre o alojamento e a Câmara. Resta, para o participante, arcar tão somente com as passagens, seja de ônibus, sejam aéreas, e com os ubers nos trajetos não incluídos no oferecido pelo programa, como do aeroporto para o alojamento e vice-versa, e para barzinhos/shoppings/restaurantes à noite. Não posso reclamar de qualquer dos serviços oferecidos: o alojamento nos acolheu muito bem, com roupas de cama, toalhas e cabides, as refeições eram irretocáveis, com considerável variedade de opções – incluindo opção vegetariana, dois ou três tipos de carne, sobremesa e suco ou refrigerante –, e o transporte sempre pontual.

Assim que entrei no grupo de WhatsApp que os participantes formaram – cerca de 70 pessoas que vêm de Universidades de diversos Estados do país, de Norte a Sul – descobri que dois veteranos meus, o Lucas Roy, do 5º ano noturno, e a Desirée Saalfeld, do 5º ano matutino, me acompanhariam nessa semana de atividades na Câmara. Além deles, a Amanda Sabino, mestranda em Agronomia na UEM, integrava nosso grupo. Me senti em casa, com rostos familiares que acabaram por formar um grupo bastante unido

nas atividades. Sem dúvidas, o Direito/UEM nunca deixa de enviar seus representantes: conheço muitos entre os colegas que já participaram do programa. E, arrisco dizer, não decepcionamos quanto à nossa representação: na atividade de simulação, tanto o grupo que eu e o Roy participamos, como o grupo que a Amanda e a Desirée (essa, como presidente da mesa) participamos, derrubaram as propostas do Ministro Sérgio Moro, nosso colega, quanto à prisão em segunda instância, a alteração do instituto da legítima defesa para os agentes de segurança e o plea bargain. rs.

As atividades se iniciaram na segunda-feira, logo após o café da manhã. Os responsáveis pelo Estágio Visita nos explicaram sobre o programa e as atividades e seguiram para uma integração. Os participantes foram divididos em 10 grupos que deveriam definir uma proposta de solução para uma situação-problema. Ou seja, o grupo discutiria o problema, formaria um consenso, elaboraria o voto e, em seguida, o apresentaria aos outros participantes/grupos. Após o almoço, tivemos duas palestras: uma sobre o papel do Parlamento na democracia e outra sobre a mídia e democracia. Finalizamos o dia e, na manhã seguinte, assistimos a outra palestra, sobre o processo legislativo.

Ocorre que o Estágio Visita não se limita aos acadêmicos do curso de Direito. Entre nós, tínhamos acadêmicos de jornalismo, administração, engenharia ambiental, engenharia de produção e agronomia. Ou seja, muito do funcionamento do Poder Legislativo aprendemos, no Direito, nas disciplinas de Ciência Política, Direito Constitucional e até Teoria Geral do Direito. Talvez, alguns conceitos elementares sejam estranhos àqueles que não tiveram as funções do Congresso como objeto de estudo. Não quero dizer que pouco aprendemos: as palestras aprofundaram o estudo do tema e trouxeram informações bastante específicas sobre procedimentos e sobre a prática do Congresso – o que não passamos nem perto de ver durante a graduação. Daí se justifica a importância dessa parte mais teórica.

Nesse meio tempo, formamos grupos para realizar as missões. Antes do Estágio Visita, escolhemos, por e-mail/Google docs, um tema para as missões. Nesta edição, o tema "pacote anticrime e segurança pública" recebeu mais votos e as missões se voltavam aos assuntos referentes ao tema proposto. A missão consistia em criar um produto para uma rede social - Facebook ou Instagram - sobre o tema, com determinado recorte. Meu grupo, um dos dez formados, abordou o tema com relação aos impactos sociais do pacote anticrime. Coletamos dados, estatísticas, trouxemos doutrinadores e especialistas e entrevistamos deputados sobre o assunto. O produto de nossa missão, caso interesse, pode ser lido aqui: <https://www.facebook.com/desisaalfeld/posts/2352509924853876>.

As comissões e as sessões deliberativas acontecem nas terças e quintas. É quando os corredores e os plenários da Câmara recebem deputados, assessores e cidadãos - em nossa semana, as pautas das comissões trouxeram índios e taxistas, enquanto grupos de interesses, ao Congresso, dado que se discutia ali temas que os impactavam diretamente. Esses são os momentos de abordar os deputados, tirar fotos, conversar, entrevistar e acompanhar sessões. Por mim, encontrei deputados como David Miranda (PSOL), Marcelo Freixo (PSOL), Gleisi Hoffmann (PT), Jandira Feghali (PCdoB), Tábata Amaral (PDT), Aliel Machado (PSB), Maria do Rosário (PT), Alessandro Molon (PSB), Hélio Negão (PSL), Tulho Gadená (PDT), Rui Falcão (PT), Coronel Tadeu (PSL),

Eduardo Bolsonaro (PSL), Gilson Marques (NOVO), Jorge Solla (PT), Mário Heringer (PDT), Rodrigo Maia (DEM), Zeca Dirceu (PT) e Alexandre Frota (PSDB).

Os deputados, em regra, parecem sempre ocupados, correndo de uma reunião a outra, de uma sessão a outra, com os assessores ao lado. Dificilmente são encontrados nos gabinetes, apesar de ser interessante visitá-los - geralmente são decorados e bem coloridos - e de enviar um e-mail antes caso você tenha interesse em garantir um encontro marcando um horário de antemão. O Freixo, o David e a Tábata foram super receptivos e pararam para conversar; esta, inclusive, marcou uma hora para uma bate-papo coletivo em um espaço aberto. É indispensável, aliás, visitar o anexo IV, onde ficam a maioria dos gabinetes interessantes e onde tem janelas redondas com uma vista ótima para o Congresso no 10º andar.

Conseguí acompanhar duas comissões: uma na Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), onde se discutia a polêmica PEC 40, que visa alterar os arts. 102 e 105 da CF para tornar os recursos especial e extraordinário em ações autônomas e possibilitar a execução da pena após condenação no tribunal; e uma na Comissão de Educação. Ao que me pareceu, pouco se decide realmente no Plenário da Câmara, nas sessões deliberativas; os votos se costumam nas comissões, nas reuniões dos partidos e entre os deputados. Por isso, é tão interessante e rico ouvir os debates nas comissões.

Dica importante: visitem as lideranças. Eu, Desirée e Roy visitamos as lideranças do PT, do PSOL, do PCdoB, do PTD e da Minoria - em também as do Governo, da Maioria e da Oposição, que não visitamos. Por lá, vimos o trabalho conjunto e coletivo de diversas pessoas em torno de pautas comuns. Conversando com assessores que trabalhavam por lá, tivemos boas percepções sobre a política brasileira, que incluíam temas como o papel do centrão nos rumos da política, a (falta de) articulação do governo Bolsonaro e previsões quanto às eleições municipais do ano que vem.

Além disso, participamos do programa #ocupação, gravado na TV Câmara, que traz dois deputados com posicionamentos contrários acerca de um tema, em que podemos fazer perguntas e promover o debate. Na nossa edição, os deputados Aliel Machado (PSB-PR) e Gilson Marques (NOVO-SC) debateram a Reforma da Previdência. O programa pode ser conferido aqui: <https://www.youtube.com/watch?v=0TUSs5g3atA>.

Tivemos, igualmente, a oportunidade de visitar o Plenário da Câmara em plena sessão deliberativa. Naquele dia, o dep. Coronel Tadeu, de forma violenta e intolerante, quebrou um painel da exposição em homenagem ao Dia da Consciência Negra. Na sessão, assistimos às palavras dos deputados do PSOL contra o Coronel, seguidas de um “puxão de orelha” do presidente da Câmara, Rodrigo Maia, que enfatizou o diálogo, a democracia e o repúdio à violência e à intolerância, e a defesa, comemorada com palmas dos deputados bolsonaristas, do Coronel Tadeu. Tratou-se de momento raro: os deputados usaram a palavra e foram ouvidos; em geral, tive a percepção de que os discursos no Plenário servem tão somente para filmar, passar na TV e publicar no Facebook para seu público, dado que os deputados ali presentes nem sequer ouvem os colegas na tribuna. Naquele dia, e pelo restinho da semana, a Câmara ficou bastante movimentada e tensa e atenta às manifestações sobre aquele fato.

Por fim, a dica é: terminar as missões o mais rápido possível, para aproveitar melhor o tempo com outras atividades. Com isso, além de visitar lideranças, conversar com deputados (enquanto eles estão na Câmara, já que a partir de quarta à noite eles

retornam para as suas bases eleitorais em outros compromissos) e participar de comissões, vale a pena visitar outras instituições.

Assistimos, primeiro, a uma sessão no Supremo Tribunal Federal. Não deixei de pensar em Michel Foucault quanto às formas de manifestação de verdade e ao impacto no ocidente dos rituais do cristianismo, abordados na obra *Governo dos vivos* (1980). Logo que entramos, me vi em um Supremo muito menor do que imaginava. Pouco antes dos ministros entrarem, todos se levantaram; uma funcionária abriu uma porta de vidro e dez deles saíram dali, juntos, com as togas aos ombros. Só nos sentamos quando todos os ministros se sentaram – cena que me trouxe à memória a infância na Igreja Católica e da figura carismática do padre, que nos orientava quanto ao levantar-sentar-ajoelhar. Enfim: outras solenidades marcaram os vinte minutos que passei por lá. Toffoli lia um voto – que me soou um pouco mal escrito e bem mal lido – sobre a questão da UIF (antigo COAF) enquanto seguranças por todo o lado não tiravam o olho dos presentes. Vi-os chamar a atenção de uma menina que tentou tirar uma foto dos ministros e de um menino que cochilava (ou seja, sem postura) e fui alertado quanto a assistir à sessão em pé – todas condutas proibidas por ali.

Logo saímos e seguimos até a Praça dos Três Poderes, até o Palácio do Planalto. Lá, não pudemos entrar por não termos horário marcado. Cabe destacar que, quem quis, acordou às 5h para encontrar e tirar foto com o presidente Bolsonaro, que costuma tirar selfies antes de sair para o trabalho. Seguimos até o Itamaraty, onde fomos muito bem acolhidos pelo diplomata Rafael Galera, nosso colega da UEM, que se formou em 2016 e se tornou o diplomata mais novo do Brasil. Por lá, tivemos uma ótima conversa sobre segurança na internet e guerra cibernética e pudemos conhecer um pouco do Itamaraty, talvez o local mais bonito de Brasília.

Encerramos a semana com outras duas palestras – uma sobre o sistema eleitoral e reforma política, outra sobre o papel da mulher na política –, a apresentação dos resultados das missões e a atividade “E se eu fosse parlamentar?”, em que nos dividimos em grupos e elegíamos, para cada um, um relator, um presidente e um vice-presidente. Reunidos em um dos plenários e, lido o voto do relator, discutimos e votamos o tema, voltado ao pacote anticrime e à segurança pública. Tratou-se de uma experiência interessante à medida que nos possibilitou ter um gostinho de uma das funções do deputado: a de debater, elaborar seus argumentos e seu voto e buscar a maioria para aprovar/não aprovar determinada proposta.

Eu diria que a riqueza do Estágio Visita se encontra no fator humano. Enquanto nos reuníamos como um grupo de 70 participantes, entre um bate papo no quarto, no alojamento, durante as refeições, entre as atividades na Câmara e nas saídas à noite, fizemos amigos e pudemos ter contato com distintas perspectivas e experiências de vida. Um grupo heterogêneo que trazia bagagens muito próprias de seu local de origem – fosse Maranhão, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Piauí ou Minas Gerais –, por exemplo, sobre violência urbana e segurança, contribuíram para uma perspectiva mais profunda do problema.

Visitar a capital não deixa de ser igualmente fundamental à experiência da viagem. Por isso, recomendo visitar o Memorial JK, onde é possível aprender bastante sobre a construção da cidade e sobre o próprio presidente Juscelino Kubitschek, cujos restos mortais ali se encontram. Descobri por lá, aliás, que os três poderes formam um triângulo equilátero e Brasília tem o formato de um avião – e só aí entendi por que se falava tanto

em ir à “Asa Norte” ou à “Asa Sul”. As construções de Brasília encantam por sua magnificência e beleza inegáveis que exigem sempre um tempinho para olhar melhor e apreciar seu encanto.

Em síntese, o Estágio Visita se destaca como uma das mais fascinantes oportunidades aos acadêmicos que se encontram no Ensino Superior. Sua participação propicia uma experiência de cidadania inigualável e, tenho certeza, promove igualmente uma experiência de vida, de contato com a capital, com os nossos representantes eleitos, com a deliberação de temas caros ao país, e uma experiência cultural, de integração com colegas de diversos Estados, munidos de vivências plurais e enriquecedoras. Se puder, não deixe de pesquisar, procurar e investir em sua participação no programa.